Marinha do Tejo

Botes e Fragatas

Mulheres coloridas
Mulheres amarelas, pretas, brancas
Mulher Maria,
Mulher Rosa,
Mulheres altivas, singelas.
Mulher cor de canela, da cor da terra,
Mulheres frias, quentes
Mulher amada, amante
Mulher mulher
Mulher homem
Mulher jardim, água, estrela,
Iaiá no portão de laçarote.
Criança, moça e senhora,
alada no sonho de Ísis, mulher.
Suada nas ladeiras da Bahia, mulher.
Que vai na rede e vem na maré.
Mulher estranha e bonita
Mulher que canta e é cantada
Dona da rua, da casa, do que quer.
Mulher presidente, senadora,
Mulher que pinta e é pintada
ora escultura ora escultora
Melhor parte, mulher toda
Minha primeira professora.
Versão forte, colorida
Inteligente e perfumada
Que chega elegante e sedutora
Em botes e fragatas
Nos festejos das águas do mar.

Antônio Carlos Kantuta, 2011.

AVE-MARIAS

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba-me;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se duma cor monótona e londrina.

Batem os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, Sampetersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga, os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos,
Embrenho-me a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se atracam botes.

E evoco, então, as crónicas navais:
Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado
Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!
De um couraçado inglês vogam os escaleres;
E em terra num tinido de louças e talheres
Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda.

Num trem de praça arengam dois dentistas;
Um trôpego arlequim braceja numas andas;
Os querubins do lar flutuam nas varandas;
Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!

Vazam-se os arsenais e as oficinas;
Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de infecção!

Cesário Verde